

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS

Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>

CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva

João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Data de aceite: 01/02/2022

Yasmin Rodrigues Menezes

UNESP

<http://lattes.cnpq.br/6164496799158180>

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

UNESP

<http://lattes.cnpq.br/6471791031294211>

RESUMO: Este texto resulta de uma pesquisa de iniciação científica, cujo objetivo foi refletir sobre a presença de histórias em quadrinhos nos acervos do PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola de 2011, destinados aos alunos do Ensino Fundamental II e Médio (PORTAL MEC, 2021), e suas potencialidades na formação do jovem leitor. Para tanto, realizou-se uma classificação das HQs que compõem esses acervos e se inserem no subsistema juvenil (CECCANTINI, 2000; 2010), buscando observar se são predominantes entre os outros gêneros textuais. Após esse levantamento, notou-se entre as HQs a presença significativa de adaptações de textos canônicos. Pela brevidade deste artigo, elegeu-se para análise (EISNER, 1989, 1996) somente a adaptação *O guarani em HQ*, escrita por Ivan Jaf e ilustrada por Luis Gê (2013).

PALAVRAS-CHAVE: História em quadrinhos; Adaptações literárias; Formação do leitor.

COMICS IN THE SCHOOL LIBRARY: REFLECTIONS ON THE ADAPTATION O GUARANI, BY LUIS GÊ AND IVAN JAF

ABSTRACT: This text is the result of a scientific initiation research, whose objective was to reflect on the presence of comic books in the collections of the PNBE - National Library Program at School 2011, intended for students of Elementary School II and High School (PORTAL MEC, 2021), and its potential in the formation of young readers. For this purpose, the classification of the comic books that compose these collections and insert at the juvenile subsystem was carried out (CECCANTINI, 2000; 2010), seeking to observe whether they are predominant among other textual genres. After this survey, a significant presence of adaptations of canonical texts was noted among the comic books. Due to the brevity of this article, only the adaptation *O Guarani in comics*, written by Ivan Jaf and illustrated by Luis Gê (2013), was chosen for analysis (EISNER, 1989, 1996).

KEYWORDS: Comics; Literary adaptations; Reader training.

INTRODUÇÃO

Este texto resulta de uma pesquisa de iniciação científica, cujo objetivo foi refletir sobre a presença de histórias em quadrinhos nos acervos do PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola de 2011, destinados aos alunos do Ensino Fundamental II e Médio (PORTAL MEC, 2021), e suas potencialidades na formação do jovem leitor. Para tanto, realizou-

se uma classificação das HQs que compõem esses acervos e se inserem no subsistema juvenil (CECCANTINI, 2000; 2010), buscando observar se são predominantes entre os outros gêneros textuais. O PNBE foi instituído em 1997, e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação – SEB/MEC (PORTAL MEC, 2021). Embora tenha sido suspenso em 2014 (GLOBO, 2021), seus acervos permanecem nas escolas públicas do país e, justamente por isto, podem ser explorados na recepção em âmbito escolar.

Pela análise dos três acervos do PNBE de 2011, destinados aos anos finais do Ensino Fundamental II – cada um com 50 títulos –, e dos três que se destinam ao Ensino Médio, também com 50, verificou-se que totalizam 300 títulos. Entre estes pôde-se notar obras pertencentes a gêneros textuais diversos, como romance; poema; conto; crônica; novela; teatro; biografia; relatos de experiência; livros de imagem; histórias em quadrinhos, entre outros. Além disso, de acordo com Jane Silva e Lucineide Dantas (2003), há nos acervos textos com caracteres ampliados para alunos com deficiência visual e obras impressas acompanhadas de CD em áudio ou DVD na língua brasileira de sinais (libras). Após esses levantamentos, observou-se que apenas 30 títulos das obras que compõem os acervos pertencem ao gênero textual HQ (10%). Entre essas obras que integram os acervos destinados ao Ensino Fundamental II, notou-se a presença de adaptações de textos canônicos. Assim, em consonância com Ana Maria Machado (2002), buscou-se analisá-las, partindo da concepção de que, dependendo da maturidade do leitor, nem sempre o primeiro contato com o texto clássico precisa ser feito a partir da leitura direta e profunda do original.

Pela brevidade deste artigo, elegeu-se apenas uma delas para análise (EISNER, 1989; 1996): *O guarani em HQ*, escrita por Ivan Jaf e ilustrada por Luis Gê (2013). Nesse processo, almejou-se verificar se essa obra adaptada do romance homônimo de José de Alencar (1829-1877) oportuniza um encontro sedutor, atraente e tentador, como afirma Machado (2002), construindo uma lembrança para a vida, a qual se configura como posterior convite para exploração de leituras espontâneas, ou se houve, conforme Edgar Morin (2005), nesse processo uma homogeneização da cultura, com a finalidade de tornar o romance de Alencar mais acessível ao público juvenil.

As ilustrações nas HQs ampliam o imaginário, principalmente de leitores iniciantes, pois são atraentes e portadoras de memória, sendo capazes de transformar um instante em eternidade. Como ressalta Antônio Cagnin:

A imagem não é aquilo que representa, não tem a transparência da palavra nem a opacidade do objeto; o meio do caminho do real e do imaginário, do documento e da ficção, ela fascina e também amedronta. Com a palavra, ou antes dela, a imagem acompanhou o homem em todas as suas necessidades, para se comunicar, para ensinar, para criticar os erros, para elevar, para destruir (2014, p. 15).

Apesar do apelo visual desse gênero fascinante que compõe obras disponíveis em bibliotecas e Salas de Leitura das escolas da rede pública em território nacional, a leitura no Brasil, conforme dados do Instituto Pró-Livro, divulgados na quarta edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (FAILLA, 2020), apresenta baixos índices. Justifica-se, então, uma reflexão sobre a formação do leitor que considere obras dispostas em acervos resultantes de políticas públicas de leitura e disponíveis em âmbito escolar.

A ORIGEM DAS HQS, A ARTE SEQUENCIAL

As histórias em quadrinhos possuem percurso histórico bastante abrangente que é tema de debate intenso entre diversos pesquisadores da área. As ideias sobre o tema são diversas, pois

[...] há quem diga que a origem dos quadrinhos está na pré-história, nas pinturas rupestres, outros falam do Egito antigo, ou mesmo com a invenção da imprensa e os folhetins do período da revolução francesa e até mesmo do período imperial inglês, basicamente onde se desenvolveu uma forma de contar uma história por meio de imagens (CUNHA, 2013, p.3).

A pintura rupestre é a mais antiga forma de comunicação gráfica. Essas pinturas antecedem a comunicação escrita, seus primeiros exemplos foram encontrados em cavernas. Por sua vez, os relevos egípcios, chamados hieróglifos, que apresentam uma descrição mais apurada e organizada do estilo de vida daquele tempo, codificando imagens em símbolos replicáveis, são conhecidos como protoescrita.

As histórias em quadrinhos consideradas como modernas tiveram seu surgimento um pouco mais adiante:

Em 1837, o suíço Rodolphe Töpffer publica seu trabalho de maior sucesso, *Les amours de monsieur Vieux Bois (Os amores do senhor Jacarandá)*. Esta mesma obra foi publicada nos Estados Unidos com o título de *The adventures of Mr. Obadiah Oldbuck*, sendo considerada como a primeira história em quadrinhos de que se tem notícia (PARRY, 2012, p.174).

O grande marco desse gênero se deu a partir da década de 1930, considerada a “era de ouro”, de acordo com Carlos Krakhecke (2009), quando começam a surgir as histórias policiais, de cavalaria, faroeste, ficção científica, entre outras. As HQs eram basicamente formas que se inspiravam no neoclassicismo e havia destaque para o desenho em preto e branco, dando surgimento a diversas obras que fizeram sucesso e permanecem até os dias de hoje sob a forma de adaptações, como o “Super-Homem”, de Joe Schuster (1986), “Batman”, de Bob Kane (1939), entre outras:

A “era de ouro” iniciada em 1938 com o aparecimento de Superman, leva esse nome, pois foi a época que os quadrinhos do gênero atingiram vendagens astronômicas, encerrando-se em 1954, com a crise dos quadrinhos associados ao aumento da delinquência juvenil [...]. A “era de prata”, que se iniciou em 1956, foi marcada com a reformulação das HQs de super-heróis, além da

implantação de um código de censura. Esta fase se encerra em meados da década de 1970 [...]. [...] a “era de bronze”, que ocorre devido a uma crise no mercado editorial no gênero de super-heróis, tal como ocorreu ao fim da segunda guerra mundial, com o fechamento de diversas editoras e uma queda nas vendas e se estenderá até o final dos anos 1980 (KRAKHECKE, 2009, p.54)

Após o surgimento de HQs na década de 1940, com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, houve um aumento considerável dessas histórias com super-heróis que, também, se envolviam em batalhas. A temática heroica chamou bastante a atenção dos leitores de diversas faixas etárias e foi se renovando cada vez mais com o passar dos anos. Com o surgimento de novas obras, produzem-se adaptações cinematográficas, cujos heróis possuem superpoderes. Alguns dessas produções revelavam críticas sociais ao contexto de guerra.

Com o transcorrer do tempo, também os quadrinhos tratam de temas complexos. Assim, começam a questionar as relações humanas em sociedade e aspectos filosóficos e sociopsicológicos. Nos jornais, voltam à tona as tiras cômicas com grande alcance entre leitores. A partir dos anos 1990, depois de todo um processo de evolução, as histórias em quadrinhos obtêm maior aceitação no mercado, começam a ganhar espaço nas livrarias. Essa década também é marcada pela explosão mundial dos mangás, que concorrem com as HQs americanas. Nos anos 2000, as HQs conquistam seu espaço nos meios de comunicação/informação populares, como entretenimento e, posteriormente, como suporte educativo.

Will Eisner, com a finalidade de compreender as HQs, define-as como arte sequencial, como uma modalidade artística que se inspira nas “imagens em sequência” (1989, p.40), como objeto de leitura de uma história ou de uma informação transmitida graficamente. Para esse estudioso, na arte sequencial, o artista tem a intenção de prender a atenção do leitor e lhe mostrar a sequência que deverá ser seguida, conforme transcorrem as ações na história (EISNER, 1989).

Nas HQs, a arte sequencial configura-se em estruturas impressas, compostas por desenhos, que fazem uso ou não de balões de diálogo, geralmente publicadas em tirinhas de jornais ou revistas. Para Eisner:

A função fundamental da arte dos quadrinhos, que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou o encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos, que não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais do que resultado de uma tecnologia (1989, p.38).

No entanto, os quadrinhos, bem como sua sequencialidade, podem ser aplicados a outros meios, como animações, filmes e *storyboards*. Pode-se deduzir que a arte

sequencial existe há milênios, pois, os primeiros dados a que se teve acesso vieram das pinturas das cavernas, os hieróglifos egípcios, pinturas e imagens dos americanos pré-colombianos. Dessa forma, pode-se dizer que existe uma relação dialógica e polarizada entre a forma e o conteúdo na análise estética que o compõe. Desse modo, tal relação se manifesta preferencialmente por meio da polarização e da complementaridade entre a narrativa (conteúdo) e a imagem (forma).

Assim, a leitura dos quadrinhos é apresentada de forma intencionalmente programada e direcionada. Desse modo, cada imagem se deixa levar pelas preferências subjetivas da retina de cada leitor, nomeada de “*scanning*”, por Vilém Flusser (2002). Posteriormente, é marcada pela característica sequencial, por meio da qual um determinado sentido conduz o olhar em função da narrativa visual durante a leitura. O leitor interage com a HQ, dando preferência àquilo que atribui sentido. Para Eisner (1996), a leitura de palavras é apenas um subconjunto de uma atividade humana mais ampla, que inclui a decodificação de símbolos, a integração e organização de informações. Tendo a leitura em geral como uma forma de atividade de percepção, e a leitura de palavras como um tipo de manifestação da mesma, já que existem diversos tipos de leituras, como de mapas, figuras, notas musicais, entre outras.

A leitura de imagens se trata de uma atividade que requer o compartilhamento de experiências, ou seja, as imagens mesmo que, sem o auxílio das palavras, representam uma forma mais primitiva de narrativa gráfica, a qual exige certa sofisticação por parte do leitor. Eisner, em sua obra *Narrativas Gráficas*, explica um pouco mais sobre a importância da imagem e como funciona seu suporte para o leitor:

O processo de leitura dos quadrinhos é uma extensão do texto. No caso do texto, o ato de ler envolve uma conversão de palavras em imagens. Os quadrinhos aceleram esse processo fornecendo as imagens. Quando executados de maneira apropriada, eles são além da conversão e da velocidade e tornam-se uma só coisa. Em todos os sentidos, essa forma de leitura recebe erroneamente o nome de literatura apenas porque as imagens são empregadas como linguagem. Existe uma relação facilmente reconhecível com a iconografia e os pictogramas da escrita oriental. (1996, p.9)

Em busca de um termo para analisar a passagem do tempo, Eisner cria “*timing*”, como “o fenômeno da duração e da sua vivência – comumente designado como “tempo” (*time*) – é uma dimensão essencial da arte sequencial” (1996, p.25). Esclarecendo que, no universo da consciência humana, o tempo se combina com o espaço e o som, ou seja, transforma-se em uma composição de interdependência, em que as concepções, movimentos e ações se deslocam, e sua importância passa a ser medida através da percepção que temos de suas relações.

No entanto, para expressar o *timing*, é necessário que se tenha compreensão destas relações que são responsáveis por gerar os elementos do tempo para a obtenção de uma mensagem ou emoção específica, portanto, a disposição dos quadrinhos passa a ser um

elemento fundamental. Já que o *timing* é a distorção proposital da representação dos quadrinhos para interferir num determinado ritmo, por meio de determinado efeito gráfico:

Uma história em quadrinhos torna-se “real” quando o tempo e o timing tornam-se componentes ativos da criação. Na música em outras formas de comunicação auditiva, onde se consegue ritmo ou “cadência”, isso é feito com extensões reais de tempo. Nas artes gráficas, a experiência é expressa por meio do uso de ilusões e do seu ordenamento. (EISNER, 1996, p.26)

Pode-se notar, então, que as histórias em quadrinhos passaram por grandes mudanças durante os séculos, desde seu entendimento como pinturas rupestres, a desenhos sequenciados, que faziam uso ou não dos balões ou de descrições. Estas mudanças valem também para o aceitação do gênero, tanto no âmbito escolar, quanto no domínio pessoal dos leitores, não se limitando mais à faixa etária.

A ADAPTAÇÃO DE TEXTOS

Uma adaptação configura-se como uma transposição de um texto para outro, envolvendo novas interpretações a partir da obra original (STAM, 2006). As adaptações de romances para histórias em quadrinhos efetivam-se pela conversão de um gênero em outro, com o objetivo de tornar a leitura mais acessível a um determinado grupo de leitores. O adaptador, em seu construto, tem liberdade para buscar formas de atingir seu público-alvo. Segundo Robert Stam (2006), em *Teoria e prática da adaptação*: da fidelidade à intertextualidade, à primeira vista, o estudo das adaptações é relativamente pouco prestigiado (principalmente, pensando na área cinematográfica). Todavia, trata-se de um campo de estudo importante para a compreensão da criação de textos.

O âmbito cinematográfico destaca-se quando se pensa em adaptação em geral. Grande porcentagem de filmes que obtêm sucesso junto ao público resulta de adaptações literárias. Há, também, adaptações ganhadoras de Oscar que estimulam seus telespectadores a buscarem as obras que lhes deram origem. Stam (2006) explica que praticamente os filmes, não apenas as adaptações, refilmagens e sequências, são mediados pela intertextualidade e escrita. Na adaptação, o texto original passa por uma série complexa de operações, como a seleção, amplificação, concretização, atualização, crítica, extrapolação, popularização, transculturalização, entre outras. Para Stam:

O romance original, nesse sentido, pode ser visto como uma expressão situada, produzida em um meio e em um contexto histórico e social e, posteriormente, transformada em outra expressão, igualmente situada, produzida em um contexto diferente e transmitida em um meio diferente. O texto original é uma densa rede informacional, uma série de pistas verbais que o filme que vai adaptá-lo pode escolher, amplificar, ignorar, subverter ou transformar. (2006, p.50)

Dessa forma, a adaptação recria e reinterpreta obras de maneira que se encaixem

em um contexto e sejam acessíveis a determinado grupo social. Para tanto, muitas vezes, o adaptador precisa comprimir a obra, por conta do tempo que tem para apresentá-la em outro formato, ou seja, acaba cortando personagens secundários e suprimindo situações de segundo plano ou clímax, sem prejuízo do sentido e da continuidade da obra. Para Edgar Morin (2005), contudo, a adaptação pode resultar em vulgarização de um romance da Alta Cultura, por meio da esquematização da intriga, pasteurização da trama, enfim, em um produto facilitado para as massas, filiado somente ao entretenimento.

Pensando na eficácia desse processo, em relação à adaptação de clássicos, surgem vários questionamentos, pois além da compreensão da obra em seu formato original, que retrata outras épocas, ficará na responsabilidade do adaptador pensar e repensar sobre como fará a transposição de ideias. Neste texto, entende-se por clássicos, conforme Ítalo Calvino:

[...] aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (1993, p.12)

Nesse contexto, justifica-se a reflexão sobre a adaptação de um clássico, como *O guarani*, de José de Alencar. Esse romance foi publicado originalmente como folhetim entre 1856 e 1857, sendo neste último lançada sua versão em livro (MEYER, 1996). Essa obra é uma das mais representativas da primeira fase do Romantismo brasileiro, conhecida como indianista, em que se buscou valorizar o índio, transformando-o em herói nacional. Por meio dessa obra, Alencar realiza seu projeto literário de produção de um efeito unificador da nacionalidade brasileira, como representação e memória coletiva. Seu enredo atraente mescla o cotidiano ao exótico. Misterioso e heroico, de acordo com Alfredo Bosi (1986). O romance inclui-se entre os mais célebres que compõem a memória dos brasileiros, pelas inúmeras edições sucessivas, adaptações cinematográficas e adoção nos currículos escolares. Cabe refletir, então, como ocorre sua adaptação em *O guarani em HQ*, escrita por Ivan Jaf e ilustrada por Luis Gê (2013).

A ADAPTAÇÃO EM CENA

A obra *O guarani em HQ*, escrita por Ivan Jaf, com ilustrações de Luiz Gê (2013), revela uma preocupação estética tanto no plano verbal, quanto imagético. Sua focalização permanece em terceira pessoa, como na obra original. Como se trata de uma adaptação, o enredo sofre mudanças, pois, faz-se necessária certa economia nas descrições. Desse modo, o detalhamento da natureza que compõe o ambiente inicial do livro de Alencar transfere-se para o plano imagético, no qual, Luiz Gê (2013) mantém, como Alencar, a personagem Peri no papel de herói. No plano verbal, Jaf (2013) inicia a história com os portugueses a caminho da fazenda de D. Antônio, depois de terem regressado do Rio de

Janeiro. Durante esse retorno, os portugueses deparam-se com o heroico Peri, lutando com uma onça, esses homens apenas o observam. Nota-se uma breve introdução do narrador:



Figura 2: Os aventureiros e o trecho de descrição

Fonte: (JAF, 2013, p.5)

Pode-se observar a manutenção do tempo cronológico – 1604 –, de uma sequencialidade que se manifesta na diferenciação dos quadrinhos, o que facilita a compreensão do leitor. Um bom exemplo disto aparece na página 26, a qual está retratando ações que se passaram há um ano. O ilustrador utiliza-se de diferentes bordas que compõem os quadrinhos, deixando-as com ondas para que ilustrem o tempo pretérito, após a finalização destas bordas, o leitor compreende que a ação volta para o presente:



Figura 3: Peri 2

Fonte: (JAF, 2013, p.26)

Outro exemplo, em relação ao formato dos quadrinhos para representar o passado, ocorre quando a história apresenta analepse para justificar o porquê da guerra a que está exposta a família de D. Antônio. Sabe-se que, acidentalmente, seu filho D. Diogo acertou uma índia com uma flecha durante uma caçada. Essa índia, pertencente à tribo Aimoré, era considerada a mais linda e disputada por muitos guerreiros. Nota-se a representação dessa cena com o recurso à onomatopeia – “Broom” (2013, p.26) – e a linhas cinéticas que marcam o momento do acidente. Após o incidente, a tribo Aimoré declara vingança:



Figura 4: Lembrança da morte da índia da tribo Aimoré

Fonte: (JAF, 2013, p.23)

Permanece na HQ (2013) a visão romântica do século XIX, já que o índio Peri é visto como o herói, contudo, selvagem. Essa percepção aparece nos seus traços físicos e na contextualização da superioridade do europeu. Justifica o heroísmo de Peri a figura da mulher frágil, que precisa ser protegida e amada; a protagonista Cecília. Como grande herói da história, ele aparece na capa da HQ, no meio de um incêndio com Cecília nos braços. Além disso, como é altruísta, ao ser caçado pela tribo dos Aimorés, ingere veneno e envenena a água, bem como a bebida de seus algozes, imaginando que, mesmo após sua morte, mataria a todos que o comessem e participassem do banquete:



Figura 5: Envenenamento de Peri

Fonte: (JAF, 2013, p.66)

Há, na adaptação, o emprego de recursos gráficos e imagéticos em cenas narradas somente no plano imagético, representadas por desenhos iconográficos, com cores chamativas, que prendem a atenção do leitor. Pela riqueza de cores e dramaticidade manifesta nos gestos e expressões faciais das personagens, essas cenas tornam a narrativa cativante, além de conferirem-lhe velocidade. Elas também permitem a revisão de conceitos prévios do jovem leitor sobre ilustrações, como mero apoio ao texto verbal:



Figura 6: A Catástrofe

Fonte: (JAF, 2013, p.66)

A adaptação mantém várias características do romance de Alencar, como linguagem

contextualizada ao ideário romântico, foco narrativo em terceira pessoa e representação do índio como o bom e heroico selvagem. Desse modo, Peri é configurado como bravo, valente, corajoso e fiel, sempre pronto para proteger sua amada de qualquer perigo. Durante a leitura, nota-se que Jaf (2013), em algumas falas das personagens, buscou um discurso mais próximo à compreensão de seu público juvenil. O próprio adaptador explica esse processo ao final do livro, em um tópico nomeado de “Bônus” (2013, p.87). Esse texto tem apelo para cativar o leitor em formação, pois o orienta a respeito dos fatos históricos de maneira lúdica.

A temporalidade na obra, criada pelo ritmo de *scanning*, está representada por meio do processo de decodificação das imagens, o qual consegue abranger todas as etapas do enredo de forma coerente. Essa decodificação imagética é determinada pelo retorno, o qual atribui significado às figuras em um processo circular, definindo o “antes” e “depois”. Para Flusser, o tempo “projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno” (2002, p.08). Além disso, a obra também faz uso de *flashbacks* e seu ilustrador recorre a bordas diferenciadas, como as da figura 3, para evidenciar essas memórias que têm relação com o que está sendo exposto, atribuindo significado por meio dessa marcação temporal.

Em síntese, pôde-se deduzir que a adaptação de Jaf (2013) busca manter-se próxima ao ideário e enredo da obra de Alencar. Suas ilustrações mantêm a mesma atmosfera do romance indianista e, pela expressividade, coerência na sequencialidade, efeitos com texturas e sombras, apresentam bom trabalho estético. Vale destacar o emprego nas ilustrações de traços mais escuros para representar momentos de tensão, como a guerra entre os portugueses e as tribos. A adaptação foi bastante precisa nos cortes, seja na velocidade impressa nas ilustrações ou em seu roteiro que, mesmo com cortes, consegue abordar todas as cenas importantes do romance, de forma coerente e coesa.

As histórias em quadrinhos dotadas de valor estético, de acordo com Paulo Ramos (2012), representam um riquíssimo material para a formação de leitores críticos. Pela análise, pôde-se observar que a obra adaptação *O guarani em HQ*, escrita por Ivan Jaf e ilustrada por Luis Gê (2013), têm apelo para prender a atenção dos jovens leitores. Além disso, seu enredo pode fomentar o debate sobre o Romantismo no Brasil, as relações humanas na sociedade colonial, a produção literária indianista, assim como seus recursos estilísticos podem facultar aprofundamento do que seja o uso da língua portuguesa, entre outras abordagens.

A arte sequenciada por Eisner (1989) está presente em ambas as obras e pode ser notada na continuidade das ações e no desenrolar da história como um todo. As ações permeiam a sequência atribuindo-lhe sentido. Esse processo é nomeado por Flusser por *scanning*. No entanto, isto é visto de maneira mais clara na obra de Jaf (2013), que teve a preocupação de marcar as partes exatas em que os eventos devem acontecer conforme a obra original, priorizando a sequência cronológica, marcada no plano verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise da obra *O guarani em HQ*, escrita por Ivan Jaf e ilustrada por Luis Gê (2013), pôde-se observar que seu enredo é cativante, tanto quanto seu projeto gráfico é bem realizado, com cores e personagens expressivas. Suas ilustrações, manifestas em cores, texturas e jogos de sombra, possuem valor estético, por isto desautomatizam o olhar do jovem leitor, em especial, dos centros urbanos, cansado pelo excesso de imagens padronizadas e previsíveis. Além disso, nota-se em sua narrativa a manutenção da coerência, pelo assegurar da sequencialidade no plano verbal e imagético. Aliás, em sua realização, as ilustrações dialogam de forma coerente com o texto, ampliando, inclusive, seus significados. Portanto, a obra (JAF; GÊ, 2013), por ser atraente no plano imagético e verbal – com linguagem mais próxima de seu público leitor –, assegura um primeiro contato com uma história canônica, que pertence ao patrimônio cultural dos brasileiros, sem perder a essência do gênero.

Certamente, não se pode substituir o romance canônico por adaptações, mas estas podem representar um interessante convite para leituras futuras e na íntegra de clássicos da literatura, em especial, dos escritos por José de Alencar. Vale destacar a importância da obra adaptada em regiões isoladas do país, pois esta pode ampliar o repertório do leitor que, talvez, não tenha acesso a uma produção canônica. Apesar da importância das HQs na formação do leitor, das 300 obras que compõem os acervos do PNBE de 2011, apenas 10% pertencem a esse gênero textual. Cabe refletir sobre sua recepção, em geral, com baixa representatividade em âmbito escolar.

Abordar as adaptações em histórias em quadrinhos na sala de aula pode despertar o interesse do jovem leitor, bem como fomentar debates e reflexões críticas sobre a história do Brasil, sua colonização, o romance indianista, suas origens no folhetim, entre outros conteúdos. Além disso, pela leitura de HQs que suscitam interação, pela comunicabilidade que estabelecem com leitor, o jovem pode refletir sobre como se constitui uma obra que visa à dialogia. Por meio da leitura de HQs dotadas de valor estético, bem como de outros gêneros textuais, assegura-se a diversidade cultural, para que o aluno amplie seu conhecimento literário.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial*. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2014.

CECCANTINI, J. L. C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. Assis: Unesp, 2000. Tese de doutorado.

CECCANTINI, J. L. C. T. A maturidade do subsistema: balanço de um ano de atividade editorial no âmbito da literatura infantojuvenil brasileira. In: DEBUS, Eliane; DOMINGUES, Chirley; JULIANO, Dilma Beatriz. (Org.). *Literatura infantil e juvenil: leituras, análises e reflexões*. Palhoça: Ed. UNISUL, 2010, v.1, p.25-46.

CUNHA, R. M. História em quadrinho: um olhar histórico. *Revista Semana Acadêmica*, Fortaleza, n. 10, vol.1, p.1-15, 2013. Disponível em: <<https://semanaacademica.com.br/system/files/artigos/historiaemquadrinhoulharhistorico.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

EISNER, Will. *Narrativas gráficas de Will Eisner*. São Paulo: Livraria Devir, 1996.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução de Luiz Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. São Paulo: Instituto Pró-Livro/Itaú Cultural, 2020.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

JAF, Ivan. *O Guarani*: adaptação da obra de José de Alencar. Ilustr. Luiz Gê. 2.ed. São Paulo: Ática, 2013.

GLOBO. Governo federal está desde 2014 sem comprar livros de literatura para escolas públicas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/governo-federal-seguira-sem-entregar-novos-livros-de-literatura-para-bibliotecas-escolares-em-2018.ghtml>>. Acesso em 02 set. 2021.

KRAKHECKE, Carlos André. *Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos BATMAN – O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. 145 f. Dissertação (mestrado em História). Porto Alegre, 2009.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005, vol. 1.

PARRY, Roger. *A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao google*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PORTAL MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>>. Acesso em: 02 set. 2021.

RAMOS, Paulo et al. *Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa*. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto 2012, p.65-86.

SILVA, Jane Cristina. DANTAS, Lucineide Bezerra D. *Inclusão Social*. Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado. Brasília, 2004.

STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*. In: Ilha do Desterro, nº51, 2006.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. *Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE*. Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

- 
-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022